



A pirâmide, o losango e a pêra

Por décadas, a estratificação de classes no Brasil foi tradicionalmente representada por uma pirâmide social – ou triângulo – indicando a enorme desigualdade existente.

Essa metáfora refletia uma realidade em que uma minoria concentrava renda no topo (classes A e B) e a vasta maioria de baixa renda compunha a base larga da sociedade. No início dos 2000, cerca de dois terços da população brasileira encontravam-se nas classes D e E, as faixas de menor renda. Em contrapartida, as classes de maior renda (A/B) continuaram a representar parcela pequena da sociedade.

Essa estrutura piramidal estava associada a altíssimos índices de desigualdade de renda. Indicadores, como o coeficiente de Gini, mantinham-se em patamares elevados; isto é, raros indivíduos conseguiam ascender da base para níveis acima. Nas décadas finais do século XX e início do XXI, predominavam as classes baixas; a classe média era relativamente pequena e a elite econômica restrita a poucos. A partir dos anos 2000, especialmente entre 2003 e 2014, o Brasil experimentou significativa mobilidade social. Diversos fatores contribuíram para esse fenômeno: estabilidade econômica pós-Plano Real, crescimento do emprego formal, valorização do salário-mínimo, ampliação do crédito e programas de transferência de renda (como o Bolsa Família). Como resultado, milhões de brasileiros saíram da pobreza e ingressaram na classe média. Estima-se que 42 milhões de pessoas ascenderam à chamada classe C nesse período compondo a chamada "nova classe média".

Essas transformações alteraram o formato da distribuição de classes. A tradicional pirâmide social deu lugar a um losango; o meio da estrutura (classe C) inflou e passou a abrigar a maioria da população. Em 2024, as classes médias (A, B e C) representavam 50,1% dos brasileiros, sendo o maior contingente populacional do país, um pouco acima do índice do contingente populacional das classes D e E (49,9%). Há 10 anos, esse índice era de aproximadamente 53%–56% da população, sendo, na época o estrato majoritário. Como se vê, a base tem diminuído proporcionalmente: o percentual somado das classes D e E (49,9%) caiu para em torno de 25%–30%, deixando de ser mais da metade da população como fora nos anos 90. Também o topo se ampliou um pouco, com classes A/B chegando a cerca de 20% da população em alguns levantamentos – reflexo de que muitos brasileiros melhoraram de renda e passaram a integrar estratos mais altos.

Em 2003 (esquerda), prevalecia o modelo piramidal: uma base larga de 49% da população nas classes baixas (D/E), uma classe média relativamente menor (38% da população, classe C) e um topo estreito (cerca de 13% nas classes A/B). Já em 2015 (direita), observa-se um losango social: a maioria (56%) no centro como classe média, enquanto topo e base ficaram equivalentes (22% cada).

O auge dessa estrutura em losango ocorreu no começo dos anos 2010, quando o Brasil viu a "classe C" tornar-se protagonista. Observava-se otimismo no mercado interno, impulsionado pelos novos consumidores oriundos dessa classe média emergente. Estudos da época destacaram que a histórica pirâmide social brasileira havia se transformado num losango, com o centro ocupando o maior contingente populacional. Em outras palavras, por volta de 2010-2014 o Brasil tinha menos pessoas na pobreza

extrema, muito mais gente na classe média, e uma elite um pouco menos exclusiva – um formato próximo ao de um losango, em que topo e base são relativamente estreitos em comparação ao meio da figura.

O cenário de crise, a partir de 2015, reverteu parte dos ganhos sociais obtidos na década anterior. O desemprego aumentou, a renda média caiu e muitas famílias da então nova classe média perderam poder aquisitivo. Consequentemente, milhões de brasileiros que haviam ascendido à classe C caíram de volta para as classes D. Entre 2015 e 2017 cerca de 10 milhões de pessoas da classe C regrediriam para as classes D/E, praticamente anulando grande parte da mobilidade ascendente registrada entre 2006 e 2012.

Em 2014, as classes D/E correspondiam ao menor percentual histórico, cerca de 47% da população. Essa proporção voltou a subir em 2015, alcançando 51% em 2016. Mais da metade dos brasileiros retornou à condição de baixa renda, reconfigurando a estrutura social para um formato mais próximo de uma pirâmide. Ao mesmo tempo, a classe C encolheu em tamanho relativo, deixando de ser a maioria absoluta. Esse movimento continuou ao longo dos anos seguintes. Em 2017 e 2018, as classes D/E permaneciam em torno de 50% da população, evidenciando a persistência de uma grande base de renda baixa.

A crise fiscal e os ajustes econômicos reduziram investimentos em políticas sociais, enquanto a lenta recuperação do PIB manteve o desemprego elevado. Em 2020, a pandemia da COVID-19 atingiu duramente a economia, derrubando a renda de milhões de trabalhadores informais e precários. Embora medidas emergenciais (como o auxílio emergencial) tenham amenizado temporariamente a pobreza em 2020, seu efeito foi passageiro. Em 2021, com a retirada parcial desses auxílios, a situação dos mais pobres voltou a se deteriorar. Dados desse período mostram que as classes D/E ainda representavam cerca de 51% dos domicílios brasileiros em 2021 – praticamente o dobro da participação das classes A e B somadas. A "base do triângulo" voltou a se expandir na segunda metade da década de 2010, indicando um retorno a um perfil mais desigual após o breve interlúdio do losango.

A estrutura social brasileira em 2022 mantém um caráter bastante desigual, com a base da pirâmide ainda maior que o topo. Aproximadamente 50,7% dos domicílios estão hoje nas classes D/E, ou seja, englobam mais da metade da população de baixa renda, ao passo que apenas 16% (aprox.) encontram-se nas classes altas A e B. A classe média (classe C) constitui cerca de um terço da população (33%) – ainda significativa, porém aquém do nível verificado no auge da nova classe média anos atrás. Em outras palavras, o topo da distribuição continua bastante estreito comparado à base, e a maioria dos brasileiros se concentra nas faixas de renda média-baixa ou baixa.

Esse quadro indica que a metáfora do losango social já não representa fielmente a realidade atual. O losango pressupõe topo e base de tamanho semelhante e uma maioria no centro; hoje a base permanece proporcionalmente mais larga que o topo, destoando de um losango simétrico. Somente por volta de 2028 a proporção de brasileiros nas classes D/E retornaria ao patamar de 49%, o melhor da série histórica). Portanto, o cenário presente e próximo, a estratificação social brasileira se assemelha mais a um triângulo ou mesmo a uma "Pera", com topo afunilado e base larga.

(\*) Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político.

# Workslop, outra praga da inteligência artificial

A consultoria BetterUp é especializada em desenvolvimento humano e coaching profissional.

Vivaldo José Breternitz (\*)

Trabalhando conjuntamente, pesquisadores dessa empresa e da Stanford University criaram um novo termo para descrever trabalhos de baixa qualidade gerado por inteligência artificial: "workslop".

Segundo artigo publicado pela Harvard Business Review, o conceito se refere a "conteúdo gerado por IA que se apresenta como bem feito, mas carece de substância para realmente ter utilidade".

Os pesquisadores sugerem que o workslop pode ser uma das razões pelas quais 95% das organizações que experimentaram a IA relatam não ter obtido retorno algum sobre o investimento. O material produzido, destacam, pode ser "inútil, incompleto ou sem o conteúdo essencial", o que acaba gerando ainda mais trabalho para outras pessoas.

"O efeito mais nocivo do workslop é transferir o peso do trabalho para quem necessita do material, que precisa interpretar, corrigir ou refazer o que foi produzido", escrevem os autores.



JackF\_CANVA

O estudo incluiu ainda uma pesquisa em andamento com 1.150 trabalhadores em tempo integral nos Estados Unidos. Quatro em cada dez entrevistados disseram ter recebido workslop no último mês.

Para evitar esse problema, os pesquisadores recomendam que as organizações definam regras claras sobre o uso de inteligência artificial, estabelecendo prá-

ticas e limites aceitáveis no ambiente de trabalho, o que praticamente não temos visto até aqui e que pode estar gerando, além do workslop, problemas de segurança, pelo vazamento de informações confidenciais.

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit@gmail.com.

## Depois do hype, o impacto real da IA é o que vai definir quem continua no mercado

Nos últimos anos, a IA (inteligência artificial) se consolidou como o tema mais quente da tecnologia. Produtos, serviços e até pitches de startups passaram a usar a sigla como selo de inovação. Mas como em todo ciclo tecnológico, o entusiasmo inicial deu lugar à cobrança por resultados concretos.

Esse movimento já se reflete em algumas pesquisas. A edição de 2025 do relatório anual "Technology Vision", que foi produzido pela consultoria Accenture e entrevistou mais de quatro mil executivos do mundo todo, revelou que apenas 36% deles dizem que suas organizações escalaram soluções de IA generativa. Além disso, somente 13% relatam impacto empresarial significativo em nível de toda a companhia.

Essa distância entre intenção e prática também aparece no último levantamento "The state of AI", divulgado em março pela McKinsey & Company e que revelou as impressões de quase 1.500 respondentes sobre o tema. De acordo com o documento, só 21% dos entrevistados que trabalham em empresas que usam IA generativa observaram uma reformulação significativa em alguns fluxos de trabalho. Para completar, menos de um terço relatam que suas companhias estão seguindo a maioria das 12 práticas de adoção e escalonamento da tecnologia.

Há uma lacuna clara entre adoção e maturidade. Muitas empresas experimentam essa ferramenta tecnológica, mas poucas conseguem transformá-la em resultados com impacto real.

Essa realidade já demonstra sinais de saturação. As big techs que dominam o desenvolvimento de modelos de IA seguem valorizadas, porém várias outras organizações



Fabrício Carraro

que surfaram apenas na narrativa viram sua relevância diminuir.

Esse cenário não significa que a tecnologia perdeu força, pelo contrário. A transformação provocada por ela é irreversível. O que mudou foi o critério: não se trata mais de anunciar uma integração com IA, mas de mostrar métricas claras de ganho de eficiência, aumento de produtividade ou novos fluxos de receita.

### Projeções para o futuro

Em suma, a lição é simples: a fase de encantamento acabou, e o mercado agora premia a consistência. Startups que usam a IA para resolver problemas específicos, com clareza de modelo de negócio, encontram hoje mais espaço do que aquelas que se apresentam como

"disruptivas" apenas no discurso.

Um exemplo recente é o da Enter, startup de IA para o direito. A empresa vem sendo reconhecida justamente por entregar resultados concretos: recebeu investimento da Sequoia Capital e do investidor Peter Thiel, e acaba de conquistar uma segunda rodada, atingindo um valuation de R\$ 2 bilhões. A Enter, inclusive, foi tema do episódio 178 do nosso podcast IA Sob Controle, que contou com a participação de Michael Mac-Vicar, cofundador e CTO da empresa. Vale a pena conferir!

As lideranças precisam trabalhar para integrar a tecnologia de forma responsável e mensurável no dia a dia dos times. Ainda existe muito terreno a ser explorado por quem souber transformar projetos-piloto em estratégias consistentes, com objetivos bem definidos e retorno comprovado.

Nos setores onde há dores urgentes, a oportunidade de crescer com o impacto real da IA é ainda mais clara. Mercados como logística, saúde, educação e serviços financeiros que não usarem a ferramenta como modismo, e sim como diferencial competitivo capaz de reduzir custos, ampliar acesso e transformar a experiência do usuário, entrarão com o pé direito nessa nova fase.

No fim das contas, a grande virada de chave é entender que IA não é mais uma carta de apresentação para investidores ou manchetes. Ela precisa ser, acima de tudo, uma fonte de valor. Só sobreviverão as empresas que conseguirem traduzir código em impacto.

(Fonte: Fabrício Carraro é Program Manager da Alura, maior e mais completa escola online de educação em tecnologia, e autor publicado sobre IA).

## News @TI

### A3Data e AWS lideram inovação em dados e IA em parceria com o Hub Mobilidade

A A3Data, consultoria especializada em dados e Inteligência Artificial (IA), em colaboração com a AWS (Amazon Web Services), anuncia uma participação estratégica, que envolve patrocínio e uma parceira tecnológica exclusiva, no recém-criado Hub Mobilidade, idealizado pelo Learning Village, CESAR e Automotive Business. Com essa parceria, a A3Data e a AWS assumem um papel central no desenvolvimento de soluções disruptivas para os setores de mobilidade urbana e transporte sustentável. A iniciativa terá como pilares a realização de encontros com especialistas, produção de conteúdo relevante, fomento ao networking entre empresas e startups e o incentivo à pesquisa aplicada. A missão do Hub é reunir diferentes agentes do ecossistema para acelerar a transformação digital urbana e de transportes, contribuindo com soluções escaláveis e sustentáveis.

### Samsung leva ecossistema de dispositivos gamer e experiências imersivas para a Brasil Game Show

A Samsung anuncia sua participação na Brasil Game Show (BGS) 2025, o maior evento de jogos eletrônicos das Américas, que acontece de 09 a 12 de outubro no Distrito Anhembi, em São Paulo. Com um estande de 1.000m² repleto de jogos exclusivos e muita gameplay, a Samsung reforça seu compromisso com a comunidade mostrando o poder de um ecossistema robusto que oferece soluções completas e devices ideais para qualquer tipo de jogador, seja no PC, na TV ou no Smartphone. O estande da Samsung na BGS 2025 contará com ativações exclusivas em parceria com nomes de peso do universo dos games, como CriticalLeap, Electronic Arts, Pokémon GO, Riot Games, SEGA, Snapdragon e Supercell. Haverá ainda um espaço dedicado à Galaxy Store, a loja oficial da Samsung para aplicativos, com a oportunidade de ganhar vouchers de desconto para adquirir itens dentro de jogos, ampliando a experiência dos visitantes dentro e fora do jogo.

ricardosouza@netjen.com.br

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  <b>José Hamilton Mancuso (1936/2017)</b>                                                                                                                                                                                                 | <b>Laurinda Machado Lobato (1941-2021)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                               | Responsável: <b>Lilian Mancuso</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Editorias</b><br><i>Economia/Política:</i> J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); <i>Ciência/Tecnologia:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agteliterarioralph.com.br);<br><i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br<br><i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br | <i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza.<br><i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.<br><br>Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal. | <b>Jornal Empresas &amp; Negócios Ltda</b><br>Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080<br>Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)<br>Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90<br>JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)<br>Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103. |
| <b>Colaboradores:</b> Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.                                                                                                                                                                                                                                | ISSN 2595-8410                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |